

*Aos nossos amigos há quatro décadas*

*Nossas jornadas nos levaram a lugares diferentes,  
mas nunca nos afastaram uns dos outros,  
nem nos separaram um do outro,  
nem de nosso Primeiro Amor*

*Adele e Doug Calhoun*

*Jane e Wayne Frazier*

*Louise e David Midwood*

*Gayle e Gary Somers*

*Cindy e Jim Widmer*



# SUMÁRIO



<i>Agradecimentos</i> .....	9
<i>Introdução</i> .....	11
<b>Capítulo 1</b> : O segredo do casamento .....	25
<b>Capítulo 2</b> : O poder para o casamento .....	63
<b>Capítulo 3</b> : A essência do casamento .....	95
<b>Capítulo 4</b> : A missão do casamento .....	133
<b>Capítulo 5</b> : Amar o desconhecido .....	161
<b>Capítulo 6</b> : Acolher o outro .....	201
<b>Capítulo 7</b> : Os solteiros e o casamento .....	231
<b>Capítulo 8</b> : O sexo e o casamento .....	265
<i>Epílogo</i> .....	287
<i>Apêndice</i> .....	291



# AGRADECIMENTOS



Como sempre, sou grato a David McCormick e Brian Tart, cujas aptidões editoriais e literárias continuam tornando viável que eu escreva. Também agradeço a Janice Worth, bem como a Tim e Mary Courtney Brooks, que possibilitaram que Kathy e eu fizéssemos uma pausa para terminar este livro. Muito obrigado, ainda, a Jennifer Chan, Michael Keller, Martin Bashir, Scott Kauffmann e John e Sarah Nicholls, que leram o manuscrito e fizeram comentários antes da sua publicação.

Um grande agradecimento a Laurie Collins, que fez a transcrição das fitas; também a Marion Gengler Melton, que fez outra versão, e a todos que nos deram cópias transcritas na esperança de que resultassem num livro.

Sou grato também a Susie Case e Dianne Garda, que custearam as transcrições de Laurie e nelas trabalharam. Embora meu estilo expositivo tortuoso tenha impedido o sucesso de sua tentativa, foi uma luta valente.

Ao longo dos anos, recebi incentivo de muitas pessoas que ouviram os sermões de 1991, conhecidos apenas como “As fitas sobre casamento”. Por muito tempo, ouvintes nos escreveram ou



telefonaram, pedindo que colocássemos o conteúdo dessas gravações num livro. Obrigado a todos que insistiram com tanto amor para que esse material fosse apresentado em forma escrita. Aqui está!

Por fim, somos muito gratos aos que aparecem na dedicatória do livro. Os muitos anos de amizade e de aprendizado conjunto sobre nossos casamentos deram frutos na vida de todos nós. Grande parte da sabedoria que colocamos em prática tantas vezes e com tanto esforço aparece de diversas formas nesta obra. Obrigado, amigos, por tudo o que vocês significam para Kathy e para mim.

# INTRODUÇÃO



*Que Deus, o melhor criador de todos os casamentos,*

*Combine vossos corações em um.*

*William Shakespeare, Henrique V*

## UM LIVRO PARA QUEM É CASADO

Veja este livro como uma árvore alimentada por três raízes profundas. A primeira é meu casamento de trinta e sete anos com Kathy.<sup>1</sup> Ela me ajudou a escrever todo o texto, e o capítulo 6, *Acolher o outro*, é inteiramente de sua autoria. No capítulo 1, ad-virto os leitores a respeito do modo de a cultura contemporânea

<sup>1</sup>Eu, Tim, escrevo em primeira pessoa porque a maior parte deste livro é baseada numa série de nove sermões que preguei no segundo semestre de 1991, no início do ministério na Redeemer Presbyterian Church em Nova York. Todavia, este livro também é resultado das experiências mútuas, das conversas, das reflexões, do estudo formal, do ensino e do aconselhamento de *duas* pessoas ao longo de 37 anos. Kathy e eu desenvolvemos nosso conhecimento a respeito do casamento juntos. Até mesmo os nove sermões foram, em grande medida, fruto de nossos esforços conjuntos para entender o casamento em Cristo. A mim coube apenas relatar nossas conclusões.



definir a “alma gêmea” em termos de compatibilidade perfeita. No entanto, quando minha (então) futura esposa e eu começamos a passar tempo juntos, cada um de nós percebeu que o outro se encaixava em seu coração de modo extraordinário. Conheci Kathy por meio de sua irmã, Susan, que era minha colega de faculdade na Bucknell University. Susan falava de Kathy para mim e de mim para ela. Kathy havia aceitado a fé cristã ainda menina ao ler *As crônicas de Nárnia*, de C. S. Lewis.<sup>2</sup> Susan insistiu para que Kathy recomendasse esses livros para mim. A leitura dessas obras e de outros livros de Lewis que estudei depois disso causou forte impressão em minha vida. Em 1972, Kathy e eu nos matriculamos no mesmo seminário, Gordon-Conwell Theological Seminary, na região de North Shore, em Boston. Ali, não demorou muito para percebermos que compartilhávamos daquele “fio secreto” que, de acordo com Lewis, é o elemento que transforma indivíduos em amigos chegados — ou mais que isso.

Você deve ter notado que os livros de que mais gosta estão unidos por um fio secreto. Você sabe muito bem qual a qualidade comum que faz com que goste deles, embora não possa colocá-la em palavras [...] As amizades duradouras não nascem sempre no momento em que você finalmente encontra outro ser humano que possui certa percepção [...] daquilo que você nasceu desejando [...]?<sup>3</sup>

Nossa amizade cresceu e se transformou em romance e noivado e, depois, num casamento inexperiente e frágil que foi testado

<sup>2</sup>Aos 12 anos, Kathy escreveu para C.S. Lewis algumas vezes e recebeu respostas, que colou na parte de dentro da capa de seus volumes de *As crônicas de Nárnia*. As quatro cartas de Lewis para ela (para “Kathy Kristy”) foram publicadas em seu livro *Letters to Children* e no terceiro volume de *Letters of C. S. Lewis*.

<sup>3</sup>*The Problem of Pain*, New York: HarperOne, 2001, p. 150. [Publicado no Brasil com o título *O problema do sofrimento*, trad. Alípio Franca, São Paulo: Vida, 2006.] Por ironia, o próprio Lewis foi um elemento importante nesse “fio” que criou a ligação entre nós dois.





até se tornar durável. Mas isso só aconteceu depois do discurso sobre “lançar pérolas aos porcos”, do Grande Conflito das Fraldas Sujas, do “quebra-quebra das porcelanas de casamento” e de outros acontecimentos infames de nossa história familiar que serão descritos neste livro. E todos eles constituíram marcos no caminho esburacado para a alegria conjugal. Como a maioria dos jovens casais de hoje, descobrimos que ser casado era muito mais difícil do que esperávamos. No final de nossa cerimônia de casamento, saímos da igreja ao som do hino “Que firme alicerce”. Não suspeitávamos o quanto sua letra seria relevante para o trabalho árduo e penoso de desenvolver um casamento sólido.

Quando tua vereda passar por ardentes provações, minha graça te basta e tudo te proverá. Pois estarei contigo, para abençoar-te em tuas tribulações e santificar-te na mais profunda aflição.<sup>4</sup>

Este livro é, portanto, para os cônjuges que descobriram o quanto é desafiador o cotidiano do casamento e estão à procura de recursos práticos para sobreviver aos “fogos ardentes” que provam o matrimônio e querem crescer por meio deles. A experiência de nossa sociedade com o casamento deu origem à metáfora “a lua de mel acabou”. Este é um livro para aqueles que vivenciaram isso de modo literal e sentiram o forte impacto da realidade.

## UM LIVRO PARA QUEM NÃO É CASADO

A segunda raiz deste livro é um longo ministério pastoral numa cidade com milhões (e numa igreja com milhares) de adultos não casados. Nossa igreja, Redeemer Presbyterian Church, em Manhattan, é uma raridade: uma igreja enorme que há muitos

<sup>4</sup>“How firm a foundation” foi escrito por John Rippon em 1787. Tradução livre.



anos é constituída predominantemente de solteiros. Vários anos atrás, quando cerca de quatro mil pessoas frequentavam os cultos, perguntei a um respeitado consultor de igrejas quantas comunidades cristãs do tamanho da nossa ele conhecia que tinham três mil solteiros. Ele respondeu que, tanto quanto sabia, nossa igreja era única.

Ao ministrar no centro de Nova York no final da década de 1980, Kathy e eu sempre ficávamos admirados com o modo profundamente ambivalente em que a cultura ocidental encara o casamento. Foi nessa época que começamos a ouvir as objeções que hoje são amplamente difundidas na sociedade: o casamento tinha que ver, inicialmente, com propriedades e hoje está numa fase de transformação constante; o casamento cerceia a identidade individual e oprime as mulheres; o casamento reprime a paixão e não se ajusta adequadamente à realidade psicológica; o casamento “é um simples pedaço de papel” que serve apenas para complicar o amor, e assim por diante. Mas, por trás de todas essas objeções filosóficas, encontra-se um emaranhado de emoções conflitantes nascidas de inúmeras experiências negativas com a vida conjugal e familiar.

Logo no início de nosso ministério, no segundo semestre de 1991, preguei uma série de sermões de nove semanas sobre o casamento. Até hoje, é a mais ouvida de todas as séries de sermões ou palestras produzidas por nossa igreja. Tive de começar com uma justificativa. Por que dedicar tantas semanas de ensino sobre o casamento numa igreja em que a maioria dos membros não era casada? Meu principal argumento foi a necessidade que os solteiros de hoje têm de ser expostos a uma visão brutalmente realista e, no entanto, gloriosa daquilo que o casamento é e pode ser. O que eu disse naquela época aplica-se aos leitores solteiros de hoje, e este livro também é voltado para eles.

Como preparação para escrever este texto, li inúmeros livros cristãos sobre casamento. A maioria deles visa ajudar os casais a



lidar com problemas específicos. Esta obra também será útil nesse sentido, mas meu objetivo central é apresentar a casados e solteiros uma visão daquilo que o casamento é de acordo com a Bíblia. Ela ajudará os casados a corrigir os conceitos distorcidos que talvez estejam prejudicando seu relacionamento. E também ajudará os solteiros para que não fiquem desesperados para casar, o que é destrutivo, nem descartarem a ideia de casar, o que é igualmente destrutivo. Além disso, uma obra sobre o casamento fundamentada na Bíblia poderá ajudar cada leitor a formar um conceito mais claro do tipo de pessoa que ele deve considerar como bom candidato a cônjuge.

## UM LIVRO SOBRE A BÍBLIA

Este livro possui uma terceira fonte de material que é sua raiz mais importante. Embora ele se baseie em minha experiência pessoal de casamento e ministério, seu fundamento principal é o ensino do Antigo e Novo Testamentos. Quase quatro décadas atrás, quando Kathy e eu éramos seminaristas, estudamos os ensinamentos bíblicos a respeito de masculinidade e feminilidade, sexo e casamento. Nos quinze anos subsequentes, procuramos colocá-los em prática em nosso relacionamento. E, nos últimos vinte e dois anos, temos usado o que aprendemos com as Escrituras e por experiência própria para orientar, motivar, aconselhar e instruir jovens casais no contexto urbano a respeito de sexo e casamento. Neste livro, oferecemos os frutos dessas três influências.

O alicerce de tudo isso, porém, é a Bíblia.

A Bíblia apresenta três instituições humanas que se destacam das outras: a família, a igreja e o Estado. Ela não se pronuncia acerca de como as escolas devem ser administradas, embora sejam de importância crucial para uma sociedade bem desenvolvida.



Não encontramos nela nada sobre negócios corporativos, museus ou hospitais. Aliás, há uma série de instituições importantes e empreendimentos humanos dos quais a Bíblia não trata e que ela não regulamenta. Temos liberdade, portanto, para criá-los e operá-los de acordo com os princípios gerais para a vida humana que a Bíblia fornece.

O casamento, contudo, é diferente. Como diz o *Book of Common Worship* [*Livro de adoração comum*]<sup>5</sup> da igreja presbiteriana, Deus “instituiu o casamento para o bem-estar e a felicidade da humanidade”. O casamento não se desenvolveu no final da era do bronze como forma de determinar os direitos de propriedade. No auge do relato da criação em Gênesis, Deus apresenta a mulher ao homem e une os dois em casamento. A Bíblia começa com um casamento (de Adão e Eva) e termina, em Apocalipse, com um casamento (de Cristo e a igreja). O casamento é ideia de Deus. Sem dúvida é também uma instituição humana e reflete o caráter da cultura humana específica em que está inserido. Mas o conceito e as raízes do casamento humano encontram-se na ação de Deus, e, portanto, aquilo que a Bíblia diz a respeito do propósito de Deus para o casamento é de suma importância.

É por isso que, em algumas liturgias de casamento presbiterianas, diz-se que ele é “instituído por Deus, governado por seus mandamentos, abençoado por nosso Senhor Jesus Cristo”. Aquilo que Deus institui ele também governa. E, se Deus inventou o casamento, aqueles que nele ingressam devem esforçar-se ao máximo para compreender e sujeitar-se aos propósitos divinos para essa união. Fazemos o mesmo em vários outros aspectos de nossa vida. Pense na compra de um carro: quando adquirimos um carro,

<sup>5</sup>*The Book of Common Worship* é o quinto livro litúrgico da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos (PCUSA), publicado em 1993. A Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) não possui uma liturgia equivalente. (N. da T.)



uma máquina que excede em muito nossa capacidade de criação, consultamos o manual do proprietário e seguimos suas instruções a respeito do modo de uso e manutenção, pois sabemos que, se não o fizermos, teremos problemas sérios.

Muitas pessoas que não reconhecem Deus nem a Bíblia e que, ainda assim, têm um casamento feliz, vivem, em grande medida, de acordo com as intenções de Deus, tenham ou não consciência desse fato. É muito melhor, porém, estar conscientes dessas intenções. E o lugar certo para descobri-las é a Bíblia.

E se você deseja ler este livro, mas não compartilha do pressuposto de que a Bíblia é a revelação de Deus, revestida de autoridade? Talvez você dê valor a determinados aspectos da Bíblia, mas não confie nela no que diz respeito a sexo, amor e casamento. Esses temas de sabedoria antiga são apresentados de modo muito diferente de nossa mentalidade ocidental, daí a Bíblia ter a reputação de ser “retrógrada” em seu modo de tratar de tais assuntos. Gostaríamos de pedir que, ainda assim, você lesse este livro. Kathy e eu damos aulas e palestras sobre a vida conjugal há anos e falei sobre esse tema em inúmeras cerimônias de casamento. Nessas ocasiões, percebemos que a maioria das pessoas que não compartilha de nosso ponto de vista a respeito da Bíblia ou mesmo de nossa fé cristã fica admirada com a perspicácia com que a Bíblia trata do casamento e com sua relevância para os desafios que elas enfrentam. Não é raro alguém me dizer depois de uma cerimônia de casamento: “Eu não sou do tipo religioso, mas essa foi a explicação mais útil e prática que ouvi sobre o casamento até hoje”.

É difícil desenvolver uma perspectiva correta do casamento. Todos nós o vemos inevitavelmente pelas lentes distorcidas de nossa própria experiência. Se você cresceu num lar extraordinariamente equilibrado, no qual seus pais tinham uma excelente vida conjugal, talvez tenha a impressão de que ser casado é algo fácil e, portanto, ao entrar no próprio casamento, fique espantado com o



esforço que a formação de um relacionamento duradouro exige. Em contrapartida, se sua experiência na infância ou na vida adulta inclui um casamento malsucedido ou um divórcio, sua visão do relacionamento conjugal talvez seja excessivamente desconfiada e pessimista. Talvez você espere *demais* que problemas de relacionamento aconteçam e, quando eles surgem, diga: “Está vendo, eu sabia!”, e logo desista. Em outras palavras, qualquer experiência relacionada ao casamento pode ser um obstáculo para você se preparar devidamente para essa relação.

Onde podemos encontrar, então, uma visão abrangente do casamento? Existem muitos manuais, geralmente escritos por conselheiros, que podem ser proveitosos. Mas esses manuais logo ficam desatualizados. A Bíblia nos oferece ensinamentos testados por milhões de pessoas em diversas culturas ao longo de vários séculos, algo que não encontramos em nenhum outro lugar.

## A ESTRUTURA DO LIVRO

A essência deste livro é extraída da passagem magnífica de Paulo sobre o casamento em Efésios 5, não apenas porque ela é, em si mesma, um texto rico e completo, mas porque esclarece outro texto bíblico sobre casamento ao qual está relacionada: Gênesis 2. No capítulo 1, situamos a discussão de Paulo no contexto cultural de hoje e apresentamos os dois ensinamentos bíblicos mais básicos a respeito do casamento, a saber, que ele foi instituído por Deus e que foi criado para refletir o amor salvador de Deus por nós em Jesus Cristo. Por isso o evangelho nos ajuda a entender o casamento, e o casamento nos ajuda a entender o evangelho. No capítulo 2, apresentamos a tese de Paulo de que os cônjuges precisam da obra do Espírito Santo em sua vida. Essa atuação do Espírito Santo efetua em nosso coração a obra salvadora de



Cristo e nos dá poder sobrenatural para lutar contra o principal inimigo do casamento: o egocentrismo pecaminoso. Precisamos da plenitude do Espírito para servir um ao outro como devemos.

O capítulo 3 nos leva ao cerne do casamento, a saber, o amor. Mas o que é amor? Esse capítulo trata da relação entre sentimentos de amor e atos de amor, bem como da relação entre paixão romântica e compromisso de aliança. O capítulo 4 discorre sobre a *finalidade* do casamento: é uma forma de dois amigos espirituais ajudarem um ao outro na jornada para se tornarem as pessoas que Deus os criou para ser. Veremos aqui um tipo novo e mais profundo de felicidade que se encontra no outro extremo da santidade. O capítulo 5 apresenta os três conjuntos básicos de aptidões para ajudarmos um ao outro nessa jornada.

O capítulo 6 trata do ensinamento cristão segundo o qual o casamento é a relação em que os dois sexos aceitam um ao outro como sendo diferentes e aprendem e crescem por meio dessa aceitação. O capítulo 7 ajuda aqueles que não são casados a usar o material deste livro para vivenciar esse estado de modo saudável e refletir com sabedoria sobre a possibilidade de casar. Por fim, o capítulo 8 fala de sexo, do motivo pelo qual a Bíblia o restringe ao casamento e das aplicações práticas dessa visão bíblica na vida de solteiros e casados.<sup>6</sup>

<sup>6</sup>Este livro tratará, necessariamente, de duas das questões mais controversas da igreja e da sociedade atual: o papel de homens e mulheres e a sexualidade. As passagens bíblicas centrais que estudaremos, Efésios 5 e Gênesis 2, são verdadeiros campos de batalha teológicos. Nesses textos há termos como “cabeça” e “ajudadora”, que são tema de grandes e prolongadas discussões a respeito de seu significado e importância. As perguntas específicas são: O homem e a mulher têm papéis diferentes no casamento? A mulher deve dar ao marido a autoridade final dentro do casamento? Outra questão está relacionada ao casamento entre indivíduos do mesmo sexo. Nesse caso, os textos bíblicos são bem menos controversos. A Bíblia apoia claramente a heterossexualidade e proíbe a homossexualidade. De fato, como veremos, de acordo com a Bíblia, um dos propósitos mais importantes do casamento é o profundo companheirismo entre os sexos. Em nossa sociedade, porém, tem



Nesta obra, examinamos a visão cristã do casamento. Conforme observamos anteriormente, ela se baseia em uma leitura objetiva e direta dos textos bíblicos. Isso significa que definimos casamento como a relação monogâmica entre um homem e uma mulher. De acordo com a Bíblia, Deus criou o casamento para refletir seu amor salvador por nós em Cristo, para depurar nosso caráter, para criar uma comunidade humana estável para o nascimento e a educação dos filhos e para realizar isso tudo pela união dos sexos complementares para o resto da vida. Convém observar, portanto, que o conceito cristão de casamento não pode ser concretizado por duas pessoas do mesmo sexo. Essa é a visão unânime dos autores bíblicos e, portanto, também é nosso posicionamento ao longo do restante deste livro, embora não tratemos diretamente da questão da homossexualidade.

Aquilo que a Bíblia ensina sobre o casamento não reflete meramente o ponto de vista de uma cultura ou época. Os ensinamentos das Escrituras desafiam a narrativa de nossa cultura ocidental contemporânea da liberdade individual como único caminho para a felicidade. Ao mesmo tempo, confrontam o modo de as culturas tradicionais verem os adultos solteiros como seres

crecido em poder e força a argumentação de que pessoas do mesmo sexo devem ter o direito de casar entre si.

É impossível escrever um livro sobre casamento sem estabelecer certos pressupostos que nortearão nosso trabalho. Não há como permanecer neutro. Nossa posição é a favor de um conceito cautelosamente expresso, porém tradicional cristão sobre liderança masculina, o papel de homens e mulheres e a homossexualidade. Por meio das notas finais, apresentaremos os argumentos bíblicos para nosso posicionamento. Não será possível, contudo, desenvolvê-los de forma extensa. Não escrevemos este livro com o objetivo de apresentar uma argumentação detalhada a favor desses pontos de vista, com respostas a todos os contra-argumentos mais relevantes. Antes, temos como objetivo afirmar esses pontos de vista da melhor maneira possível ao longo da obra e *utilizá-los* de modo a mostrar como eles funcionam na prática no casamento. Pedimos aos leitores, portanto, que estejam abertos para esses conceitos e que os experimentem ao considerar a visão de vida conjugal que apresentamos nesta obra.





humanos incompletos. O livro de Gênesis analisa de modo radicalmente crítico a instituição da poligamia, embora fosse uma prática cultural aceita na época, ao pintar um retrato vívido das desgraças e desintegração que ela provoca nos relacionamentos familiares e da dor que ela causa, especialmente para as mulheres. Os autores dos livros do Novo Testamento causaram espanto no mundo pagão ao exaltar a condição duradoura de solteiro como modo de vida legítimo.<sup>7</sup> Em outras palavras, os ensinamentos dos escritores bíblicos desafiavam constantemente suas próprias crenças culturais e, portanto, não eram mero produto de tradições e práticas antigas. Logo, não podemos descartar a visão bíblica do casamento como um conceito unidimensionalmente retrógrado ou culturalmente obsoleto. Pelo contrário, é repleto de ideias e soluções práticas e realistas, bem como de promessas maravilhosas sobre o casamento. E tudo isso é apresentando não apenas na forma de proposições claras, mas também de narrativas vívidas e poesias comoventes.<sup>8</sup> A menos que você consiga olhar para o

<sup>7</sup>Trataremos das questões levantadas neste parágrafo mais adiante, principalmente nos capítulos 7 e 8.

<sup>8</sup>Tenho consciência de que a convicção que acabei de articular, a saber, de que os ensinamentos bíblicos sobre sexo e casamento são coerentes e extremamente sábios, tem sido alvo de sérios ataques pela cultura popular. Um exemplo é o livro de Jennifer KNUST, *Unprotected Texts: The Bible's Surprising Contradictions about Sex and Desire* (Harper One, 2011). Knust argumenta que a Bíblia aceita a poligamia e a prostituição (em certas partes do Antigo Testamento), mas depois as proíbe (em partes do Novo Testamento). Diante disso, concluí que, considerada como um todo, a Bíblia não oferece orientação coerente e unificada a respeito de sexo e casamento.

Na introdução, por exemplo, ela escreve: “A Bíblia não levanta objeções à prostituição, pelo menos não de modo coerente. Judá, o patriarca bíblico, por exemplo, pagou de bom grado pelos serviços de uma prostituta durante uma viagem de negócios [...] Só mais tarde, quando descobriu que, na verdade, essa ‘prostituta’ era sua nora, Tamar, é que se enfureceu [...] A Bíblia tem algo contra as prostitutas ou a prostituição? Não necessariamente...” (p. 3). Mas só porque os escritores bíblicos relatam que um comportamento ocorreu não significa que o estão promovendo. Knust deveria saber que o estudioso de literatura hebraica Robert ALTER, em sua obra clássica *The Art of Biblical Narrative* (Perseus Books, 1981), argumentou em detalhes que



casamento através da lente das Escrituras, e não de seus próprios medos ou de seu romantismo, de suas experiências pessoais ou da perspectiva limitada de sua cultura, não será capaz de tomar decisões inteligentes a respeito de seu futuro conjugal.

Gênesis 38 está intimamente ligado ao capítulo seguinte, no qual José se recusa a dormir com a esposa de seu senhor. Alter conclui: “Quando voltamos da narrativa de Judá para a de José (Gn 39), passamos a um contraste nítido entre uma história de revelação embaraçosa decorrente da incontinência sexual para uma história de aparente derrota e vitória final decorrente da continência sexual: José e a esposa de Potifar” (p. 9-10). Alter, que talvez seja a maior autoridade em narrativa hebraica, não acredita, de maneira alguma, que o escritor de Gênesis “não tem nada contra as prostitutas”. O narrador contrasta, de forma deliberada, o comportamento de Judá e o de José no capítulo seguinte, quando José chama o sexo fora do casamento de “grande mal” e de “pecar contra Deus” (Gn 39.9). Dizer que Gênesis é conivente com a prostituição, ou mesmo com a poligamia, sendo que em sua narrativa a prostituição e a poligamia causam grande sofrimento a todos os envolvidos, mostra, a meu ver, uma falta básica de conhecimento de como ler a narrativa.

Há quatro décadas trabalho com os textos dos quais Knust trata (estudando-os em particular e ensinando-os em público), e incontáveis estudos sérios, sem falar no bom senso, são contrários à interpretação que ela faz de todos eles. É estranho que Knust não dê ao leitor indicação alguma desse fato e, mesmo em trechos (como sua interpretação de Gênesis 38) em que quase todos os estudiosos da Bíblia, dos liberais aos conservadores, se opõem ao seu ponto de vista, ela não faça menção disso, nem mesmo numa nota de rodapé. Ao que parece, esse é o caso da maioria dos palestrantes, livros e artigos que criticam a sabedoria bíblica acerca da sexualidade.